

## **A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: A DIFÍCIL ARTICULAÇÃO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA COM O FILOSOFAR**

**JAQUELINE PEGLOW<sup>1</sup>; KEBERSON BRESOLIN<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - [jaqpeglow@hotmail.com](mailto:jaqpeglow@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - [keberson.bresolin@gmail.com](mailto:keberson.bresolin@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Após a implementação da filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio, estipulada pela Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, muitos professores vem questionando qual seria o conteúdo a ser ministrado nas aulas e qual o meio mais adequado de transmiti-lo aos alunos.

Na tentativa de elucidar essas questões é preciso, primeiramente, buscar compreender o que se espera desta disciplina no ensino médio. De acordo com Cerletti, "poder-se-á propor que aprender filosofia é conhecer a sua história, adquirir uma série de habilidades argumentativas ou cognitivas, desenvolver uma atitude diante da realidade ou construir um olhar sobre o mundo" (CERLETTI, 2009, p. 12). Nesse caso, caberá ao professor estipular os meios capazes de suprir essa demanda de modo satisfatório.

Entretanto, percebe-se que existe grande dificuldade em conciliar a teoria com a prática, ou seja, vincular a história da filosofia com a atividade de filosofar, de forma significativa, despertando o interesse do aluno. Nesse sentido, esse trabalho tem por objetivo apresentar algumas das metodologias mais indicadas para o ensino de filosofia na contemporaneidade, tendo como base estudos realizados em 2014/1, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Pelotas.

### **2. METODOLOGIA**

O presente estudo teve início com a leitura de textos sobre o ensino de filosofia, indicados pelos coordenadores do PIBID, para posterior apresentação e discussão em grupo. Devido à complexidade do tema e à dificuldade em articular a história da filosofia com o filosofar através de uma transposição didática adequada, verificada posteriormente na disciplina de Didática de Filosofia, surgiu a necessidade de aprofundar esse estudo. Com esse intuito, buscamos outras fontes bibliográficas na tentativa de elucidar este problema, bem como modelos de planos de aula capazes de exemplificar as metodologias mais adequadas e servir de referência para futura regência de classe.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante do complexo panorama referente ao ensino-aprendizagem da filosofia, Cerletti destaca dois aspectos ou dimensões que se entrelaçam: um objetivo – composto pelas informações históricas e fontes filosóficas, e outro subjetivo – representando a apropriação individual dessas fontes, a recriação dos problemas, sua assimilação, etc. (CERLETTI, 2009). Atuando como mediador entre esses

distintos "saberes" está o professor, que é responsável pelo processo de transmissão dos conhecimentos disponibilizados pela história da filosofia, bem como pela provocação crítica e o convite ao pensar. Entretanto, de acordo com o autor:

As exigências programáticas do ensino institucionalizado de filosofia fazem com que, no desenrolar dos cursos, a reflexão filosófica sobre o significado ou o sentido da filosofia costume ser abreviada ao extremo ou postergada quase indefinidamente, em favor da introdução, sem mais, dos conteúdos 'específicos' de filosofia (CERLETTI, 2009, p. 14).

Assim, a difícil tarefa de dar conta dos conteúdos programáticos apresentados nos livros didáticos e ainda preservar a essência do filosofar, torna-se algo distante da realidade.

Para Aspis e Gallo, aulas fundadas apenas no diálogo, no debate e na reflexão não são suficientes para uma atividade filosófica. Contudo, a simples contemplação de questões apresentadas por filósofos ilustres ao longo da história também não estimula o pensar.

Segundo os autores, é preciso que haja uma interação entre esses dois aspectos, pois "trabalhar a filosofia como atividade nos remete para uma dimensão em que o processo (filosofar) não se separa do produto (conteúdo); um só pode ser tomado com o outro e pelo outro" (ASPIS; GALLO, 2009, p. 37). Desta forma, o ensino de filosofia deve considerar a análise e a criação de *conceitos* como elementos fundamentais para o filosofar. Esses *conceitos* representam o processo e o produto ao mesmo tempo, ou seja, é uma forma particular de compreender a realidade atual a partir de conhecimentos pré-existentes.

Nesse contexto, através de um ensino ativo da filosofia, os estudantes são estimulados a desenvolver suas próprias experiências de pensamento, identificando os problemas da atualidade. Sem, no entanto, desconsiderar a história da filosofia e os conceitos elaborados pelos filósofos para enfrentar as dificuldades ao longo do tempo, que servem como subsídios para a criação de novos conceitos.

Na mesma linha de raciocínio, Rodrigo concorda que o filosofar deve buscar recursos na história da filosofia. Para a docente é preciso associar a aprendizagem da filosofia com o aprender a filosofar. Considera, também, que cabe ao professor instigar o aluno a fazer a ligação entre a filosofia e o seu cotidiano, apresentando a história da filosofia "como algo vivo, cujas elaborações passadas não perdem atualidade, na medida em que oferecem categorias e referenciais teóricos capazes de continuar nutrindo nossas reflexões no presente" (RODRIGO, 2009, p. 50).

Mendoza, por sua vez, salienta a importância da transposição didática no ensino de filosofia, ou seja, é preciso haver uma adequação do conhecimento adquirido na universidade para aquele ensinado nos colégios. Defende o modelo de ensino francês, onde a problematização aparece como centro unificador do ensino de filosofia. Trata-se de constituir em problema as questões que a experiência propõe e impõe a cada um, captando o sentido e esforçando-se em resolvê-los. Nesse contexto, o professor deve organizar os conteúdos, articulando os conceitos sem reduzi-los a mera exposição de conhecimentos, proporcionando a análise em uma dimensão problemática (MENDOZA, 2003).

As orientações sugeridas pelos autores citados, bem como alguns exemplos práticos de plano de aula elaborados e publicados pelo PIBID II - Humanidades/UFPEl em 2013, possibilitaram a construção e apresentação de uma

aula experimental na disciplina de Didática de Filosofia, ao final do primeiro semestre do corrente ano, onde buscou-se colocar em prática os resultados dessa pesquisa.

#### **4. CONCLUSÕES**

De acordo com o exposto, podemos verificar que a didática mais adequada para o ensino de filosofia aponta para uma articulação da história da filosofia com a atividade reflexiva, na qual os alunos são instigados a problematizar o seu cotidiano utilizando como base teorias filosóficas. Essa alternativa parece a mais indicada, visto que possibilita uma aplicação produtiva do conhecimento adquirido ao longo do tempo na busca por respostas para as questões da atualidade.

Contudo, embora a teoria apresentada seja bastante esclarecedora, a aplicação parece um pouco mais complicada, visto que a transposição didática exige competências que vão além daquelas disponibilizadas nos livros. Por isso trabalhos como o desenvolvido no PIBID II - Humanidades/UFPEL, apresentando planos de aula desenvolvidos pelos próprios bolsistas, tem um papel fundamental para o aprimoramento dos futuros professores e deveria ser repetido com os grupos posteriores.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASPIS, R. L.; GALLO, S. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MENDOZA, M. Á. G. **Introducción a la Didáctica de la Filosofía**. Pereira: Papiro, 2003.

NEVES FILHO, E. F.; LEITE JUNIOR, P. G. S.; SCHIO, S. M. **Filosofia: lições temáticas**. Pelotas: UFPEL, 2013.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.